

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

SCHICK (Léon). — *Un grand homme d'affaires au début du XVI siècle — Jacob Fugger*, col. Affaires et Gens d'Affaires, École Pratique des Hautes Etudes, S. E. V. P. E. N., Paris, 1957, 323 pp.

São muitos os historiadores que foram atraídos pela interessante personalidade de Jacob Fugger. Existe uma bibliografia relativamente extensa sobre esse banqueiro de Augsburg e sobre sua atuação na vida econômica da Europa no início do século XVI, bibliografia essa, proveniente, entretanto, quase que exclusivamente de historiadores alemães. A obra de Léon Schick: *Un grand homme d'affaires au début du XVI siècle — Jacob Fugger* — veio assim preencher uma lacuna na historiografia francesa, onde são raras as obras sobre o capitalismo que se desenvolveu no sul da Alemanha no século XVI.

O período abrangido pelo livro vai desde 1480, quando Jacob Fugger começou a se manifestar na direção das atividades econômicas da firma dos Fugger, até 1525, data de sua morte. E' conforme o A., o período em que "uma economia internacional — uma *Weltwirtschaft* — não cessa de crescer e de se impor" (p. IX) e em que "ser rico, é ser poderoso" (p. X). Mas também é o período em que "para o homem de negócios viver, era viver perigosamente" devido às arbitrariedades dos príncipes, aos perigos dos transportes e à concorrência das firmas rivais.

O A., ele mesmo um banqueiro, preocupou-se em trazer uma contribuição para o entendimento das atividades econômicas de Jacob Fugger, para o que fez exaustivas pesquisas em arquivos alemães e austríacos, compulsando uma grande documentação ainda inédita.

O livro está dividido em quatro partes. A primeira, *Les débuts de Jacob Fugger*, depois de alguns dados sobre o desenvolvimento econômico de Augsburg e sobre a genealogia dos Fugger, trata dos primeiros empreendimentos econômicos de Jacob Fugger e como ele se tornou o banqueiro dos Habsburgos. Por volta de 1485 Jacob Fugger se interessou pelo Tirol, um dos maiores produtores de metais da Europa. O Tirol era governado por um primo do imperador Frederico III, o arquiduque Sigismundo, o Rico. Esse, em dificuldades financeiras, conseguiu empréstimos de Jacob Fugger e em troca o banqueiro recebeu a produção de prata de Schwaz. A partir daí os Fugger controlaram a produção de metais (prata e cobre) do Tirol. O sucessor de Sigismundo, o futuro imperador Maximiliano I, vivia eternamente em dificuldades financeiras e "geria mal suas finanças, fraqueza essa que Jacob Fugger iria explorar largamente" (p. 31). Por meio de sucessivos empréstimos a Maximiliano, Jacob Fugger conseguiu firmar sua posição no Tirol e se tornou imprescindível para a sobrevivência econômica da casa dos Habsburgos. O A. em seguida fala da importância para os Fugger do príncipe-bispo de Brixen, Melchior de Meckau, como membro da Câmara Aúlica (*Hofkammer*) e como dono de uma grande fortuna, a qual confiou ao banco dos Fugger, isso com o maior sigilo, devido às teorias econômicas da Igreja.

(\*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

E' de se lamentar que Schick não tivesse entrado em pormenores sobre as relações entre os Fugger e Meckau. Data da última década do século a penetração dos Fugger na exploração e no comércio de metais (prata e cobre) na Hungria. Esse banqueiro uniu-se a Jean Thurzo que conhecia muito bem as condições mineiras da Hungria. Logo as minas exploradas por ambos tiveram sua produção aumentada. Esse empreendimento constituiu um dos fatores do fabuloso sucesso econômico de Jacob Fugger.

Na segunda parte, *Les Grandes Années*, o A. procurou nos dar uma visão pormenorizada dos anos mais decisivos para Jacob Fugger e para a fortuna da família. Em primeiro lugar mostra como Jacob Fugger agiu no Tirol (1499-1509) onde encontrou uma série de dificuldades devidas à crise pela qual passava Veneza, pôrto de exportação de cobre e ao conflito com os produtores de cobre. No início do século XVI Jacob Fugger resolveu adquirir as jóias de Carlos, o Temerário, que ilegalmente estavam em poder da cidade de Basileia. Essas jóias deviam funcionar como uma reserva de capital. Com as continuas guerras, Maximiliano se viu obrigado a pedir sempre mais empréstimos a Jacob Fugger, dando em troca possessões dos Habsburgos nos arredores de Augsburg e vantagens para o comércio de metais no Tirol. Um fato, entretanto, quase comprometeu o desenvolvimento da firma dos Fugger: a morte de Meckau. O banco aproveitara a soma gigantesca depositada pelo bispo para aumentar seus diversos empreendimentos. A herança, disputada por diversos pretendentes, passou finalmente, por acórdos políticos, para Maximiliano com o qual os Fugger facilmente se entenderam. O A. em seguida narra como Jacob Fugger consolidou sua posição na Hungria graças à política dos Habsburgos e aos empréstimos que fez à corôa húngara. Jacob Fugger não perdeu nenhuma oportunidade para aumentar seus negócios e criou uma sucursal em Roma, principalmente para servir o Papado. Abrangendo vastas áreas da Europa com seu comércio, os Fugger tinham facilidade para transferir somas de dinheiro para Roma das diversas partes da Europa e para enviar auxílios financeiros contra os turcos à Hungria. O dinheiro arrecadado pelas indulgências na Alemanha, Polônia e Hungria passava pelas mãos dos Fugger. No Tirol, entretanto, surgem novas dificuldades provenientes da precária situação financeira do país e dos Habsburgos. A dieta de Innsbruck de 1518 procurou sanar as finanças e queria tomar medidas contra os Fugger. Jacob Fugger, ajudado pelas circunstâncias do momento, conseguiu vencer mais uma vez, pois Maximiliano adoeceu e faleceu em 1519; o banqueiro tornou-se imprescindível para a eleição do sucessor. Carlos V deveu sua corôa a Jacob Fugger que forneceu as gigantescas somas necessárias para a compra dos votos dos príncipes eleitores, "pois esse começo do século XVI, como disse Fernand Braudel, está sob o signo de um capitalismo, de uma preocupação feliz pelos negócios, sem remorso de consciência, talvez simplesmente sem consciência" (pp. 161-162). Esse fôra o primeiro empréstimo de Jacob Fugger em troca do qual não recebeu metal. "Esse empréstimo sem garantias mudou o caráter da casa dos Fugger: a segurança dos negócios assegurados em metal é substituída, doravante pelos riscos inerentes ao banco político" (p. 179). Depois o A. fala das dificuldades do reembolso da dívida "eleitoral". E' pena que o A. não entrasse em pormenores sobre a

penetração dos Fugger na Espanha através da concessão dos “maestrazgos” das ordens cavaleirescas, em cujas terras se encontravam as famosas minas de mercúrio de Almaden. Em seguida o A. dedica um capítulo à campanha contra os monopólios que se desenvolveu no Império. A população da Alemanha estava sofrendo as conseqüências de uma lenta inflação que havia muito estava assolando toda a Europa. Nobres, pequenos burgueses e camponeses uniram-se para combater os grandes comerciantes que eram considerados responsáveis por todas as dificuldades. O aparecimento de Lutero agravou ainda mais a situação. Todos reclamavam a intervenção do Império. O A. se refere aos inqueritos e às discussões sobre a legalidade dos monopólios e os lucros das grandes firmas, havidas principalmente nas dietas de Nuremberg de 1522 a 1524. O governo estava disposto a tomar medidas contra os “delitos de monopólios”. Na dieta de 1523 todas as cidades, com exceção de Augsburgo, votaram a supressão das grandes sociedades. Começou uma ofensiva contra os ricos comerciantes e foi instruído um processo contra os Fugger, que eram considerados os piores dos monopolizadores. A situação para Jacob Fugger era bem crítica, mas havia dois fatores favoráveis: o apóio da cidade de Augsburgo a seus grandes banqueiros e a ligação estreita entre os interesses dos Fugger e os dos Habsburgos. Finalmente por decreto de 1525 Carlos V regulou a questão a inteiro contento dos grandes comerciantes de Augsburgo. Estabelecia uma liberdade quase ilimitada de comércio. Processos contra comerciantes suspeitos só poderiam ser instruídos a pedido das autoridades da cidade. Jacob Fugger ainda conseguiu de Carlos V outro decreto pelo qual o comércio dos metais, sob forma de monopólio, era declarado “válido, vantajoso e desejável”. Essa parte do livro termina com um relato das dificuldades encontradas por Jacob Fugger nos últimos anos de sua vida na Hungria, onde se desenvolveu um partido nacionalista que considerava a expulsão de todos os estrangeiros como uma solução para a situação financeira precária do país. Os Fugger sofreram o confisco das minas com todas as suas instalações e corriam o risco de perder seus gigantescos investimentos. Jacob Fugger imediatamente procurou apóio junto aos príncipes, ao Papa e a Carlos V. Jacob Fugger estava no apogeu de seu poder e todos tomaram seu partido e fizeram pressão sobre a Hungria que se viu obrigada a ceder, indenizando Jacob Fugger e fazendo um novo contrato para a exploração das minas em abril de 1526 Jacob Fugger, entretanto, morreu em fins de 1525.

Chegamos assim às duas partes finais do livro, em que o A. procurou sistematizar e ordenar fatos que na maior parte das outras obras são encontradas esparsamente. Na terceira parte mostra-nos a estrutura do empreendimento da firma durante a vida de Jacob Fugger. Em primeiro lugar estuda a estrutura jurídica. Jacob Fugger procurou “de maneira sistemática concentrar o mais estritamente possível todas as forças vivas do empreendimento e de submetê-las a uma direção única” (p. 230). O problema “capital” também foi regulamentado por diversas vezes: os sócios deviam deixar na firma todo capital que aí empataram, inclusive seus rendimentos. Quanto aos herdeiros, se continuassem como sócios, não deveriam retirar do fundo da sociedade a parte que lhes coube. Jacob Fugger também estabeleceu regras para o direito de herança dentro da sociedade, eliminando os membros da família que não tomassem parte ativa na firma e unindo mais os descendentes masculinos, com

exceção dos eclesiásticos, para evitar uma divisão do capital. No que se refere a estrutura administrativa o A. examinou a precisa contabilidade da firma, o serviço de informações que os Fugger espalharam por toda a Europa e a organização de uma feitoria e de uma representação, que deviam resolver os negócios nos diversos pontos da Europa. Em seguida Schick dedica algumas páginas à estrutura financeira dos Fugger. O A. distingue três períodos quanto a estrutura do capital na firma. De 1480 a 1495 a firma empatava seu capital em mercadorias ou adiantamentos sobre concessões de metal para que o capital circulasse depressa. A partir da fundação do empreendimento na Hungria, ao lado do capital que mantém o movimento das mercadorias, apareceu o investido em minas. Nessa época a firma não dispunha de capitais líquidos. No terceiro período, que se inicia em 1503 e vai até 1525, a estrutura financeira é bem equilibrada. Uma parte do capital pôde ser usada para constituir um fundo de reserva. Finalmente o A. dá alguns dados sobre a evolução da fortuna dos Fugger.

Na quarta parte encontramos informações utilíssimas sobre a produção e a circulação do cobre. O A. descreve minuciosamente a técnica mineira, a extração e a preparação do metal, a vida na “comunidade mineira” — o proprietário e os mineiros — que não estava sob a jurisdição ordinária, pois dependia diretamente do soberano e dos “juizes mineiros” instituídos por êle. As páginas sobre o comércio do cobre constituem sem dúvida uma das partes mais importantes do livro. O cobre era muito procurado na Europa. O comércio do cobre, entretanto, encontrava uma série de dificuldades: a diversidade dos pesos e das medidas nas diferentes áreas da Europa; as estradas em péssimo estado; os meios de transporte muito rudimentares; as casas de expedição só se desenvolveram no decorrer do século XVI, de modo que os Fugger tinham que cuidar do próprio transporte. O A. ainda se refere a outros entraves tais como o direito de etapa, pelo qual uma vila ou um povoado tinha o direito de canalizar todo comércio através de seu território; o direito de escolta, devido aos perigos de pilhagem o comerciante fazia um contrato de escolta com o senhor da região que iria atravessar; finalmente havia ainda as peagens e as aduanas. “Jacob Fugger, cujo gênio só podemos admirar conseguiu ultrapassar todos os obstáculos e criar uma organização homogênea através de toda Europa”. Na empresa de Jacob Fugger pode-se “ver uma das primeiras grandes manifestações do capitalismo industrial nascente e, no século XVI, seu mais grandioso êxito” (p. 290).

A obra de Schick foi enriquecida por inúmeros mapas, gráficos e gravuras escolhidos com muito cuidado. Particularmente merecem menção o gráfico da relação entre os adiantamentos e os contratos dos negócios de metal dos Fugger no Tirol de 1485 a 1516 (pp. 98-99) e o que demonstra o estado dos compromissos do governo do Tirol em 1518 (pp. 142-143). A bibliografia que o A. incluiu é bem completa e atualizada.

Apesar da obra de Schick ser uma contribuição valiosa para o estudo das atividades econômicas de Jacob Fugger, sentimos falta de uma descrição da personalidade desse banqueiro como, por exemplo, a fez Goetz Freiherr von Poelnitz em seu livro: *Jakob Fugger-Kaiser, Kirche und Kapital in der oberdeutschen Renaissance* (J. C. B. Mohr, Tuebingen, 1949) (Jakob Fugger — Imperador, Igreja e Ca-

pital no Renascimento da Alemanha Meridional), onde o grande banqueiro aparece não só como homem de negócios, mas também como representante típico do Renascimento com todos os seus problemas religiosos e culturais. Schick só se preocupou com a parte econômica; o Homem desapareceu entre cifras e contratos. Nenhuma palavra sobre a personalidade de Jacob Fugger, o Rico, nenhuma sobre suas outras atividades. Muitos dos atos desse banqueiro mostram como era um homem do Renascimento, sem, entretanto, jamais ter atingido a superioridade de Lorenzo de Medici, o Magnífico, que conseguiu abranger com sua genialidade economia, arte e política. Assim, por exemplo, temos a construção da célebre *Fuggerei* que até hoje perpetua o ideal de Jacob Fugger. A *Fuggerei*, cujas casinhas deviam servir de moradia para burgueses que sem culpa própria empobreceram, constituiu uma autêntica inovação na História Social da Europa. Essa orientação dada ao trabalho deve-se à formação de financista do A. e à coleção (*Affaires et Gens d’Affaires*) na qual a obra foi incluída... Mas para os desconhecedores dos pormenores da vida de Jacob Fugger, esse livro poderá dar uma visão errônea da figura desse grande homem de negócios do começo do século XVI. Uma outra questão que surge é a da grafia dos nomes. Ora os nomes são escritos como o são em alemão, ora são afrancesados. Assim, por exemplo, encontramos à página 12 duas grafias: *Mühlich* (com trema) e *Muehlich*; às vezes o prenome *Hans* é usado (Hans Fugger, p. 12), outras é usado o correspondente francês *Jean* (Jean Thurzo, p. 48). Apesar disso a obra é de valor extraordinário, devido às suas informações utilíssimas para o estudo das atividades econômicas de Jacob Fugger. Merecem ser ressaltados o capítulo sobre os monopólios (Cap. VIII — *La Campagne contre les Monopoles*) e a terceira e quarta parte do livro que se referem à estrutura da firma e à produção e ao comércio do cobre (3a. parte — *La Structure de l’Entreprise des Fuggers*, 4a. parte — *Production et Commerce du Cuivre*). Aí encontramos uma série de dados novos que poderão contribuir para a compreensão do capitalismo do século XVI. A leitura dessa obra de Léon Schick se recomenda a todos, principalmente aos estudiosos brasileiros que, devido às dificuldades da língua, têm raras oportunidades de se familiarizar com o capitalismo que se desenvolveu no sul da Alemanha no começo dos tempos modernos. Livros como esses deveriam surgir sobre outras famílias que se destacaram na vida econômica da Alemanha, tais como os Welser, os Hoestetter, os Baumgartner, etc., que contam ainda com uma bibliografia bastante restrita.

MARIA THERESA SCHÖRER PETRONE

\*

\* \*

VON ALBERTINI (Rudolf). — *Das florentinische Staatsbewusstsein im Uebergang von der Republik zum Prinzipat*, Francke Verlag, Berna, 1955, 461 págs.

A importância dos problemas políticos na Itália renascentista sugerem a Rudolf von Albertini um excelente trabalho, sem dúvida destinado a um lugar de honra na bibliografia especializada; de fato, temos aqui, pela primeira vez, um estudo de conjunto acerca da consciência de Estado e do pensamento político em Florença nas pri-